
SABER E FÉ
09

Aviso importante!

Esta matéria é uma propriedade intelectual de uso exclusivo e particular do aluno da Saber e Fé, sendo proibida a reprodução total ou parcial deste conteúdo, exceto em breves citações com a indicação da fonte.

COPYRIGHT © 2015 - TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - SABER E FÉ

09

DOUTRINA DO HOMEM

EGUINALDO HÉLIO DE SOUZA

SABER E FÉ

Versão da matéria: 1.0

Nossas matérias são constantemente atualizadas com melhorias e/ou possíveis correções.
Para verificar se existe uma nova versão para esta matéria e saber quais foram as alterações realizadas acesse o link abaixo.

www.saberefe.com/area-do-aluno/versoes

Sumário

03 ▶ Introdução

05 ▶ Capítulo 1 ▼ A Bíblia tem a resposta

06 ▶ Capítulo 2 ▼ Evolucionismo e vondanikianismo

06 ◘ A teoria evolucionista

11 ◘ A teoria vondanikianiana

13 ▶ Capítulo 3 ▼ Homem e mulher os criou

16 ▶ Capítulo 4 ▼ A doutrina bíblica sobre a criação

16 ◘ Adão e Eva como personagens históricos

17 ◘ A relação homem e mulher dentro dos aspectos criativos de Deus

20 ▶ Capítulo 5 ▼ Espírito, alma e corpo: a natureza do homem

20 ◘ Por que Deus criou o homem?

21 ◘ A natureza do homem

23 ◘ O homem interior

32 ◘ Origem, funções e natureza do corpo

35 ◘ O que Deus fará com o corpo?

36 ▶ Capítulo 6 ▼ O homem como imagem de Deus

36 ◘ Caráter moral

36 ◘ Razão

37 ◘ Arbítrio

37 ◘ Parentesco

38 ◘ A "imagem" do homem diante da queda

40 ▶ Conclusão

42 ▶ Apêndice - A teologia da evolução

44 ▶ Referências bibliográficas

▼ Introdução

"Que é o homem?", perguntou Jó (Jó 7.17). "Que é o homem?", perguntou o salmista (Sl 8.4). Não existem respostas simples para essa pergunta. Isto porque estamos lidando com a principal criatura da natureza. Estamos lidando com um ser completamente diferente dos demais. O único que reflete, que questiona, que tem consciência de si, e o único que busca uma razão além de si mesmo. O único que traz em si a imagem e a semelhança de seu criador.

Se a resposta fosse óbvia, não teríamos tantas respostas diferentes. Desde um ser evoluído de seres mais primitivos, até seres resultantes do cruzamento entre extraterrestres e animais terráqueos têm sido alternativas propostas. Um ser totalmente igual a qualquer animal ou um ser exatamente igual a Deus tem sido algumas das respostas. Filósofos, teólogos, esotéricos e cientistas de todas as disciplinas têm se aplicado a fornecer uma solução satisfatória.

"É importante esta questão?", indagarão alguns. "Que diferença isto faz, conquanto que vivamos nossas vidas em paz?" Faz muita diferença diante de certas decisões.

Quando Hitler matou seis milhões de judeus, com certeza, seu conceito de ser humano não era de seres que são iguais por serem imagem e semelhança de Deus. Sua concepção antropológica estava fundamentada (ao que se sabe) na noção de raça como resultados de processos evolutivos. Portanto, judeus não eram iguais aos arianos, mas inferiores e mesmo nocivos a estes.

Stalin e Lênin mataram milhões de pessoas para o êxito do comunismo, porque estas estavam se opondo ao progresso da raça humana ao se oporem ao seu processo político. Para eles não havia qualquer significado ético, pois em nada diferiam de outros seres.

Pensemos então na atitude do homem diante da sua própria morte. Se ele é um ser existente apenas entre o rápido lapso de tempo entre seu nascimento e sua morte, o suicídio pode parecer em muitos casos uma boa opção. Não se deve olhar para nada além de si e de seu meio. Não há fundamento para qualquer ética. Não há base para definir o certo e o errado. O homem sempre tentou desvincular moral e religião, mas isso sempre foi impossível. Só existe certo e errado porque o homem é o que é. Ele entende as leis como algo externo, transcendente, porque recebeu sua natureza consciente e ética de um Ser Superior.

Com uma visão antropológica errada, o homem terá um errado relacionamento com Deus ou então não terá nenhum. Se não se considera uma criatura provinda das mãos de um criador, mas mero produto de um processo impessoal, não buscará esse Deus por ignorá-lo ou por julgá-lo desnecessário. Se o homem julgar-se a si mesmo um deus, jamais terá a atitude de buscar esse Deus para possuir o que lhe falta, mas julgará, como ocorre no hinduísmo e seus derivados, alguém capaz de se autosalvar e se privará da graça de Deus.

Como vemos, o que somos determinará impreterivelmente nossas atitudes éticas e espirituais. Influenciará nossa atitude para com Deus e os homens. Se estas atitudes forem tomadas por líderes políticos, ou seja, pessoas que têm em suas mãos os destinos de outros, as consequências podem ser ainda mais drásticas.

"Façamos o homem à nossa imagem, segundo a nossa semelhança" (Gn 1.26). Assim explica o Gênesis, em sua forma direta e objetiva, a origem da humanidade sobre a Terra. Sem rodeios e discussão excessiva, ele não argumenta, mas revela nestas poucas palavras um pouco do que é o homem, sua natureza e origem. A partir desse ponto, as Escrituras prosseguem traçando inúmeras características, fornecendo uma base segura para a autocompreensão e para a compreensão do propósito divino.

Conhecer um pouco da doutrina bíblica e também das doutrinas não bíblicas a respeito do homem é essencial para nossa compreensão. Decisões são tomadas diariamente a partir do que se pensa acerca disso. Não podemos ignorar a pergunta. Temos de nos empenhar, e isto faremos aqui, buscando responder a Jó e ao salmista esta indagação milenar: "Que é o homem?".

Capítulo 1

▼ A Bíblia tem a resposta

O historiador Will Durant gosta de dizer que a História é um livro que se começa a ler pelo meio. Até o momento, tem sido impossível para a ciência histórica apontar para um determinado ponto e afirmar infalivelmente: "Aqui principia a aventura humana sobre a Terra". O historiador tem às mãos uma enorme colcha de retalhos, cujo começo e fim nem sempre são possíveis localizar. Chega-se mesmo a dizer que certas civilizações apontam para um declínio da humanidade e não para um progresso contínuo. Assim pensava também o historiador italiano Cesari Cantu.

Essa busca em responder às três perguntas mais essenciais do ser humano tem levado a caminhos distantes: "Quem somos?"; "De onde viemos?"; "Para onde vamos ou estamos indo?" São perguntas que não querem calar. E o homem sabe que se puder responder à primeira, isto tornará as demais respondíveis. A origem do homem está ligada ao sentido da vida humana.

Durante muito tempo, coube à religião responder a essas perguntas. De formas diversas, ela tentou responder por meio de seus mitos. O cristianismo o fez durante séculos por meio de sua fé na infalível inspiração divina. Depois veio a ciência, negando todos os postulados religiosos e advogando infalibilidade, considerando-se a única capaz de responder satisfatoriamente. A pluralidade de crenças e ideias tem fornecido outras proposições. Continua-se a tentativa de resolver o enigma. Teorias se multiplicam e se conflitam. Adquirem adeptos ferrenhos e seguidores apaixonados. São escritos livros de caráter filosófico, científico ou religioso para se propagar essas ideias.

Para nós, porém, a fonte não mudou. As Escrituras Sagradas, devidamente interpretadas, livre de tendências e inclinações perigosas, são suficientes para satisfazer o anseio intelectual por esta resposta. Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, como coroa de toda a sua criação. Estaremos, pois, na medida do possível, analisando e comparando com a Bíblia estes assuntos referentes à antropologia.

Levantaremos e analisaremos as fragilidades de algumas teorias no próximo capítulo.

Capítulo 2

▼ Evolucionismo e vondanikianismo

◘ A teoria evolucionista

Darwin criou um verdadeiro alvoroço, quando em 1859 lançou seu livro *Teoria da evolução das espécies por meio da seleção natural dos mais aptos*. Não apenas o aspecto científico, mas também o aspecto filosófico e religioso derivado deste escrito teria enorme influência sobre o mundo a partir de então. As ideias propostas por ele já eram correntes há muito tempo, mas ele forneceu munição científica para essas ideias. O mundo jamais seria o mesmo depois disso.

Segundo Darwin, os seres eram resultantes de outros seres de características inferiores. A origem de uma espécie estava em outra menos evoluída. Essa evolução acontecia porque dentro de uma determinada espécie havia características que facilitavam sua sobrevivência. Assim, o lagarto que conseguisse saltar mais rápido teria mais chance de sobreviver que os mais vagarosos. Isto, dentro de um processo que levou milhões de anos, criou esta cadeia que iria de um primitivo ser vivo semelhante a uma água-viva, até o ser humano tal qual o conhecemos.

Isso explicaria o homem como o resultado de uma evolução animal. Não existe nenhum valor especial no ser humano. Ele apenas progrediu mais do que os demais seres. Embora Darwin não tenha colocado a coisa com estas palavras, era definitivamente o que se poderia concluir. Suas teorias iriam influenciar a visão do mundo e do homem, muito mais do que ele poderia imaginar.

Nem sempre foram devidamente analisadas as consequências da visão antropológica de Darwin em seu desenvolvimento histórico. As teorias derivadas de suas proposições foram muito mais significativas do que suas próprias teorias. Por exemplo, ninguém nunca parou para pensar que o combate às doenças realizado pela medicina, é na verdade algo contra a seleção das espécies, pois impede que as "menos aptas" pereçam em favor das "mais aptas". Todavia, estes "efeitos secundários" são muito expressivos.

■ **Sua influência na ética**

Na época de Darwin, suas teorias causaram grandes conflitos religiosos. Houve debates calorosos entre a ciência e a religião que chegaram até mesmo a provocar mortes. Homens de mentes brilhantes estavam nos dois lados da disputa, cada qual tentando provar a veracidade de sua própria crença.

Também a moralidade e a ética não deixaram de sofrer influência do darwinismo. Sua teoria da evolução é baseada na sobrevivência do mais apto, ou seja, os mais fortes e aptos sobrevivem, os mais fracos perecem.

Surge então Friedrich Nietzsche, transformando a biologia darwiniana em filosofia. Como disse o historiador Will Duran: "Nietzsche era filho de Darwin [...] Se a vida é uma luta pela existência, na qual os mais capazes sobrevivem, então a luta é a virtude máxima, e a fraqueza o único defeito. Bom é aquilo que sobrevive, que vence; mau é aquilo que fracassa – assim pensava Nietzsche."

Logo, para este filósofo, a moralidade cristã, exaltando a humildade, a misericórdia, o altruísmo, o amor, eram na verdade fraquezas, que iam de encontro à verdadeira lei da vida, isto é, a evolução da espécie pela sobrevivência do mais apto.

Com base neste pensamento, ele nutriu um ódio muito grande contra o cristianismo. Ele escreveu que "... o cristianismo foi até agora a maior desgraça da humanidade". Segundo sua maneira de pensar, "... nesta batalha que chamamos vida, precisamos não de bondade, mas de força, não de humildade, mas de orgulho, não de altruísmo, mas de inteligência resoluta; igualdade e democracia são contrárias à natureza da seleção e da sobrevivência; o poder, e não a justiça é o verdadeiro árbitro de todas as diferenças e de todos os destinos". De certa maneira, ele demonstrou que a forma de pensar por trás da seleção natural de Darwin era contrária ao sentimento de amor ao próximo apresentado nos evangelhos. Extraiu um ensinamento ético oposto à compaixão, pois nesse caso a compaixão impede o ser humano de "aperfeiçoar a raça".

Se por um lado a teoria de Darwin forneceu aos ateus uma base para negar a necessidade de um criador para o universo, forneceu a Nietzsche e a todos os seus futuros seguidores os princípios de uma moralidade diferente da cristã, baseada no ódio, no egoísmo, na força, completamente desvirtuada em seus fundamentos. Isto lhe parecia óbvio diante das colocações de Darwin. Sua conclusão lógica era que se Darwin tinha razão, o cristianismo não tinha, e a sociedade tinha até então se erguido sobre bases insustentáveis. Ele criticava os pensadores de seu tempo, dizendo que a teoria da evolução os tornara ateus, mas eles continuaram a ser cristãos.

Certamente, ninguém foi mais longe em sua rejeição ao cristianismo. Esta visão filosófica da existência desenvolveu neste filho e neto de pastor sentimentos tão sombrios e profundos, que legou ao mundo literário verdadeiros tratados de guerra contra Deus.

Talvez, poucos tenham parado para pensar, mas muitos atos do nazismo foram motivados por uma visão darwinista da vida. Nietzsche transformou a biologia de Darwin em uma perversa filosofia. Hitler transformou a filosofia de Nietzsche em uma cruel política. Não existem dúvidas de que a filosofia nietzscheniana teve grande influência sobre o nazismo.

O pensamento de Hitler era contaminado com a ideia da superioridade da raça. Destruir seis milhões de judeus era um aperfeiçoamento da raça humana. Era, como eles denominavam, uma "limpeza étnica", removendo do caminho da evolução humana elementos menos aptos que estavam impedindo esta evolução. Para Hitler, ele estava abrindo o caminho para o "super-homem", mito criado por Nietzsche, uma espécie de novo estágio da evolução darwiniana.

Quase podemos ouvir os ecos da biologia de Darwin e da filosofia de Nietzsche pronunciados neste discurso, conservado pelo antigo presidente do Senado nacional-socialista de Dantzig, Herman Rauschning. Hitler disse a ele: "Temos que criar uma técnica de despovoação. Se você me perguntar o que eu entendo por despovoação, dir-lhe-ei que prevejo a liquidação de unidades raciais, e, fá-lo-ei, pois que vejo nela, a traços largos, a minha missão fundamental. *A natureza é cruel e, por este motivo, também nós poderemos ser cruéis*. Se eu mando a flor e a nata do povo alemão para uma guerra sem me lamentar, em nenhum momento, o derramamento do valioso sangue alemão no inferno da guerra, *também tenho o direito de destruir milhões de homens de raças inferiores, que se multiplicam como parasitas*".

Ainda dentro desta linha, a política nazista desenvolveu o que foi chamado de "Programa Eutanásico", que visava eliminar, por meio de uma morte indolor, os doentes mentais incuráveis. Esta ideia foi proposta por Hitler em 1939, e em 1940, sancionada por lei. Cerca de trinta mil doentes mentais foram mortos. O alvo era de cem a cento e trinta mil pessoas. Foi difícil para o governo explicar para as famílias o desaparecimento ou a morte repentina de todos estes doentes. A polícia secreta tentava de todos os modos evitar que os comentários da população se espalhassem, mas foi impossível evitar. Mesmo assim "... As carnificinas nestes institutos foram continuadas durante anos por ordem das leis secretas promulgadas por Frick, Himmler e outros."

Aos olhos da teoria da evolução das espécies, esses atos foram apenas consequências biológicas da sobrevivência dos mais aptos. Aos olhos do autor de *Assim falou Zaratustra* e *O anticristo*, essas decisões não eram certas nem erradas, mas apenas consequência da vida, pois o mais forte deve realmente eliminar o mais fraco.

Sobre este prisma, Nietzsche criou a doutrina do "super-homem". O homem ainda não teria terminado a sua evolução. Por definitivamente não crer na existência de Deus, este filósofo proclamava um estágio avançado da evolução humana, no qual este ser completamente avançado seria o único Deus.

Edward H. Carr, professor de História em Cambridge, durante uma de suas conferências naquela Universidade, no ano de 1961, declarou: "Algumas vezes, naturalmente, o culto do grande homem pode ter implicações sinistras. O super-homem de Nietzsche é uma figura repelente. Não é necessário lembrar aqui o caso de Hitler...".

O professor E.H. Carr era um cético, isto é, ele não cria que nada externo à história, existia para influenciá-la. Mas não pôde deixar de ver as implicações malignas por trás do "super-homem", nem mesmo pôde deixar de relacioná-lo a Hitler.

Também gostaria de encerrar citando as palavras do professor Jared Diamond, estudioso do comportamento humano: "A visão darwiniana da raça humana, não é a única". A visão bíblica é muito mais sadia.

■ O determinismo biológico

Determinismo biológico é a ideia que afirma que todo agir humano é determinado por fatores inerentes à sua natureza. Ou seja, que todas as suas vontades e ações não são livres (no sentido de uma escolha racional e espontânea) e sim o resultado de mecanismos biológicos. Quando o homem busca justificar o comportamento de seres humanos, baseado no comportamento animal, ele está ignorando, inferiorizando o primeiro, anulando o seu livre arbítrio e afirmando um parentesco que existe apenas em teoria. É dessa forma que a violência, o adultério e o homossexualismo têm sido encarados como mero "vestígio animal" e não como escolhas de um ser racional.

A teoria da evolução forneceu ao homem uma justificativa para o seu procedimento. Ao invés de ver no pecado uma distorção do propósito inicial de Deus, certos comportamentos são tidos como sendo resultados da herança animal, uma força sobre a qual ele (o homem) não tem domínio nem escolha.

A Edição especial da *Revista Veja* de dezembro/2000 publicou o artigo do professor de fisiologia da Universidade da Califórnia, Jared Diomond, a respeito do comportamento sexual humano. A revista resume assim a tese do Dr. Jared: "Diamond sustenta a tese polêmica de que o comportamento sexual humano [...] não vai mudar muito no futuro. Segundo ele, as pessoas carregam esse determinismo em seus genes. Por mais que a vida se torne mais rica tecnologicamente e as sociedades mudem com o passar dos anos, *as pessoas tendem a se comportar no campo sexual com base nas experiências evolutivas acumulada pela espécie*.'

"Então, de repente, o adultério não pode mais ser explicado como desvio da vontade divina, como corrupção da natureza humana, mas como herança animal evolutiva. O ser humano passa a ter uma justificativa biológica para o seu comportamento infiel, baseado em fatores determinados em seus genes, resultado daquilo que o professor Jared denominou *condicionamento evolutivo* que determina a *imutabilidade* do comportamento dos seres humanos".

Hoje, não só o adultério, mas a violência é explicada em termos de herança animal, como sequelas advindas das épocas em que os homens grunhiam e rosnavam. O famoso cientista Carl Segan em artigo publicado na *Revista Superinteressante* relaciona o comportamento no esporte, mesmo no esporte violento, como originado geneticamente. "Mas, se nossa paixão pelo esporte (violento) é tão profunda e tão difundida, é possível que esteja arraigada em nós – não em nosso cérebro, mas em nossos genes".

Esta forma de a ciência relacionar tudo aquilo que chamamos de pecado com herança genética tem levado o mundo a justificar todos os tipos de pecado, a aceitar como normal comportamentos que levam os homens para longe de Deus e os precipitam na perdição eterna.

Até mesmo o homossexualismo vai buscar no reino animal exemplos desta prática para justificar seu comportamento corrompido. Mais do que isso, movimentos gays já se aproveitam da genética, buscando convencer a todos de que ser homossexual não é uma questão de escolha individual, mas de determinismo genético, ou seja: "Sou homossexual porque nasci assim".

O ativista dos direitos dos gays e neurocientista Simon LeVay, do *Salk Institute de La Jolla* (Califórnia/EUA), provocou manchetes internacionais em 1991 ao declarar que uma certa área do cérebro tendia a ser menor em homens homossexuais do que em homens heterossexuais. Apesar de LeVay ter sido cauteloso em interpretar seus resultados, ele sugeriu que, tendo em vista que essa área específica do cérebro poderia ser intimamente relacionada com o comportamento sexual, ela poderia afetar a orientação sexual.

"LeVay autopsiou o cérebro de 19 homens homossexuais, de 16 homens heterossexuais e de 6 mulheres. A parte do cérebro que Simon LeVay informou ser menor em homens homossexuais, conhecida como o terceiro núcleo intersticial do hipotálamo anterior (INAH 3), é de tamanho mais próximo ao da área correspondente em cérebros de mulheres. Há muitos outros estudos examinando os fatores genéticos e biológicos relacionados com o homossexualismo".

O próprio professor Simon Levay faz questão de não ser definitivo em suas conclusões, mas sua atitude reflete a tendência moderna de querer justificar o homossexualismo como uma atitude determinada por fatores outros que não a rebelião humana contra Deus e seus padrões. Mas o apóstolo Paulo revela em sua Epístola aos Romanos 1.18-28 os caminhos da apostasia humana, baseados em caminhos escolhidos pelo próprio homem e não determinados por uma herança animal.

■ Fraquezas de uma teoria

Pelo fato de a teoria da evolução ser amplamente ensinada nas escolas e propagada pelos meios de comunicação, existe sempre uma falsa ideia de que ela seja uma questão fechada, definitivamente resolvida. Mas este não é o caso. Na verdade, ela penetrou nos currículos escolares, pelo simples fato de a educação ser governada pelo braço secular. Encaixar uma afirmação bíblica dentro de escolas e universidades orientadas pelo método científico seria um tanto difícil. Para afastar-se das questões religiosas, era mais confortável adotar um ponto de vista evolucionista.

A verdade, porém, é que muitas dúvidas permanecem suspensas no ar. Por exemplo, a ciência evolucionista fala até hoje de um "elo perdido", isto é, um ser que estaria entre o símio e o humano. Mas o elo perdido continua perdido e o problema sem solução. Deve-se também frisar que um dos critérios para formalizar uma lei, seja ela da biologia, da física ou da química, é que esta lei pode ser testada e repetida em laboratório. Por exemplo, a lei da gravitação universal, que fala sobre a queda dos corpos, pode ser repetida em laboratório e analisada. As leis da genética podem ser testadas também em um laboratório. Mas as afirmações da evolução, nunca foram e nunca serão reproduzidas. Este processo, que os evolucionistas dizem levar milhares de anos para acontecer, jamais foi observado na atualidade, porque se de fato existiu, não pode ser repetido. Jamais algum cientista conseguiu produzir vida em laboratório, a não ser a partir de outra vida. Portanto, crer na evolução é mais uma questão de "fé" do que de evidências científicas incontestáveis.

Na verdade, os fósseis são vestígios débeis demais para apoiar um edifício tão grande como é esta ciência, que advoga a capacidade de explicar um dos grandes mistérios da vida e do homem.

◘ A teoria vondanikianiana

Há outra teoria menos popular, lançada na década de 60, que embora baseada em "provas" desmentidas posteriormente, deixou sementes difíceis de serem desarraigadas. Trata-se da relação entre seres de outros planetas e a origem do homem na Terra. Nasceu das proposições do suíço Erich Von Daniken, lançadas em seu livro *Eram os deuses astronautas*, nas quais ele defendia a hipótese de que a vida fora trazida para a Terra, por meio de seres de outros planetas.

Para comprovar isto ele apontava certas construções antigas como as pirâmides do Egito e os monumentos de Stonehonge; desenhos estranhos como os da planície de Nazca e textos obscuros encontrados em Heródoto e no épico hindu, *Mahabarata*. Interpretava-os forçosamente para fazer parecer que só podiam ser explicados à luz de suas teorias. Até mesmo porções da Bíblia foram distorcidas pelas suas conclusões.

Hoje, quase quarenta anos depois, os "vestígios de extraterrestres" apontados por Von Daniken foram devidamente interpretados e desmistificados. Mas já é tarde demais. Quem liga para monumentos e gravuras antigas, quando pessoas afirmam ter passeado de disco voador e entrado em contato com estes seres? O próprio mercado criado em torno da questão impede que a mesma seja posta de lado. Há interesses financeiros que fazem com que a crença continue.

É interessante conhecer a opinião de um dos maiores pesquisadores sobre vida extraterrestre, Frank Drake, do Projeto SETI (*Search for Extraterrestrial Inteligence*), que há mais de trinta anos busca sinais de vidas inteligentes fora da Terra. Ao ser perguntado se o planeta Terra já tinha sido visitado por seres de outro planeta, ele respondeu: "Não creio. Nunca foi achado nada de conclusivo, que nos levasse a acreditar nessas pessoas que afirmam ter sido sequestradas, ou que mantiveram contato com seres extraterrestres. São crendices populares, nada mais. Nunca foi encontrada qualquer prova. Todos esses estranhos sequestros ocorrem à noite, quando a vítima está sonhando. Já investiguei alguns casos. Acho que essas pessoas têm problemas psicológicos".

Essa crença em seres vindos de outros planetas é um fenômeno do século 20, particularmente da segunda metade em diante. O Caso Rosewel, acontecido em 1947, foi o pontapé inicial de todo o processo. Segundo alguns, uma nave espacial extraterrestre teria caído na região de Kenneth Arnold, próximo ao Mount Rainier e o governo dos Estados Unidos estava escondendo tudo. Anos depois, os EUA revelaram que se tratava de um balão de espionagem que seria aplicado contra os russos, mas era tarde demais. Já havia milhares de livros, centenas de "provas", e todo um mercado desenvolvido em torno desta questão.

Posteriormente, toda uma nova cosmologia foi erguida pelos adeptos do movimento Nova Era. A Terra era agora sede de constantes visitas destes seres, que possuíam uma civilização muitas vezes mais adiantada do que a nossa. O planeta Terra seria uma espécie de laboratório onde estes seres teriam plantado a vida e estariam investigando os resultados. Alguns viveriam no interior da Terra e de lá sairiam constantemente para investigar. Estariam prontos a impedir uma Guerra Nuclear, caso houvesse. Isto criou uma verdadeira religião. A ficção científica em livros e filmes muito contribuiu para o desenvolvimento desses conceitos. Elementos espíritas, esotéricos e sinistros se encontram envolvidos no meio ufologista. Perdeu-se qualquer critério racional e o que existe é um ocultismo aberto, em que seres extraterrestres não passam de um álibi para contato com espíritos estranhos.

Como podemos perceber, os frutos dessa concepção da origem do homem foi uma visão completamente distorcida da vida, que não trouxe nenhum benefício para a solução dos problemas humanos, mas uma febre irracional por assuntos daninhos à vida espiritual e até mesmo física das pessoas, como se vê nos casos de abdução (suposto relacionamento sexual com seres extraterrestres) e nos chamados contatos de sexto e sétimo grau, que têm afetado a saúde dos envolvidos.

Capítulo 3

▼ A doutrina bíblica sobre a criação

"E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou" (Gn 1.26,27).

A narração bíblica é simples e direta a respeito do assunto. Dizer que o homem foi criado por Deus em um único ato, nunca foi estranho a todos aqueles que receberam a mensagem do evangelho. Durante séculos esta explicação foi aceita sem dificuldades. Somente foi questionada quando um espírito irreligioso e materialista debruçado sobre postulados supostamente científicos lançou suas dúvidas sobre tudo o que se referia a Deus.

Mesmo entre os que creem na Bíblia começaram a aparecer aqueles que lançavam um certo olhar de incredulidade sobre esta e as demais narrativas de Gênesis. O sentido literal foi desprezado e, quando não, foi relegado a uma posição de "lenda", foi assumido como parábola, como uma mera representação de verdades espirituais. Neste aspecto já não se falava mais em Adão e Eva como personagens históricos, mas apenas como "representantes da espécie humana". As demais narrativas como o Éden, a queda, o fruto do conhecimento do bem e do mal, Caim e Abel, o dilúvio, Babel, tudo isto perdeu seu sentido óbvio e direto, sofrendo novas interpretações que não se chocassem com as posições da ciência.

Alguns pensam que isto é irrelevante para o cristianismo. Todavia, somente um entendimento literal dos primeiros capítulos do Gênesis possibilitaria uma aceitação evidente do Evangelho. A redenção só tem significado diante do entendimento do homem como imagem de Deus. Não se redime animais evoluídos. O pecado só pode ser visto como pecado, quando o vemos como transgressão aos mandamentos de Deus. Se existe um Salvador que se manifestou dentro da História, é porque em algum ponto da História o homem perdeu o propósito para o qual fora criado. Aceitar a criação do mundo e do homem conforme ensinado nas Escrituras não é opcional. Ou foi assim ou tudo não passa de mera divagação.

Entre os ensinamentos que podemos extrair das narrativas de Gênesis 1-3, como também das demais referências da Bíblia, deduzimos o seguinte:

- ✓ Alguns teólogos fizeram uma tentativa de harmonizar a narrativa da criação com o sistema evolucionista. Porém, já se tem destacado que é frequentemente utilizada a expressão "que produza semente segundo a sua espécie" (Gn 1.11,12,21). Deste modo, cada ser foi criado fechado dentro de sua própria espécie. Não há margem para dizer que uma espécie se transforma em outra. Por este motivo, torna-se difícil a construção de uma doutrina da "evolução teísta".
- ✓ O homem foi criação de um ato deliberado da vontade de Deus, não um produto do acaso e de forças impessoais. O homem existe porque Deus assim o quis. A vida não é um acaso e menos ainda o homem. Mesmo que o darwinismo jamais tenha afirmado isso explicitamente, muitos assim inferiram.
- ✓ O homem não é resultado de um processo evolutivo milenar, mas de um ato criativo imediato do criador. Os cientistas evolucionistas não podem afirmar ter provas definitivas deste processo. Os historiadores e mesmo paleontólogos reconhecem que o homem inteligente "surge de repente na História". Assim se expressou Carl Grimberg em sua *História universal*: "... foi, no entanto, repentino o nascimento de sua inteligência. Tudo faz supor que o limiar por onde se ascendeu diretamente ao pensamento foi transposto de uma só vez".
- ✓ O homem foi criado com o propósito de se sobrepor às demais criaturas. Igualá-lo com os demais animais, como certos segmentos ecológicos têm feito, é minimizar o papel do homem na natureza. Classificar o homem cientificamente como pertencente ao reino animal é natural. Nivelá-lo com os demais brutos é outra história.
- ✓ O homem apresenta uma característica que o coloca muito acima dos animais – ele foi criado segundo a imagem e semelhança de Deus. Isto não o torna igual a Deus, mas, com certeza, já o coloca acima dos demais seres.

- ✓Deus criou o ser humano com distinção sexual evidente. Não há espaços para escolhas dentro desta área. O homossexualismo é antinatural, independente das justificações alegadas que se procurem para ele. A criação original não dá margem para essa indefinição em nenhum ponto.
- ✓É até muito interessante o que alguns autores, entre eles Oswald Chamber, veem no texto de Gênesis 1.27. Segundo Chamber, a imagem de Deus não estaria impressa no homem ou na mulher individualmente, mas na unidade que ambos podem formar. O ser humano, de uma forma geral, tem notado que a mulher preenche certas lacunas que existem na personalidade do homem e vice-versa. Assim, homem e mulher, unidos, trazem em si a completa imagem de Deus em certos aspectos. Todavia, esta teoria apresenta certas dificuldades. Não é possível uma tal afirmação baseada nestas passagens. Elas apenas nos levam a concluir que homem e mulher são iguais em sua natureza, ou seja, ambos trazem em si a imagem e semelhança de Deus.
- ✓Algo de ruim ocorreu ao ser humano, que apesar de suas potencialidades teve seu caráter corrompido em diversos sentidos. Dizer que a humanidade está se aperfeiçoando é um otimismo sem base. Deus criou o homem reto (Ec 7.29).
- ✓Houve uma mudança na relação do homem com Deus. As religiões são uma prova de que há algo no homem que o leva a buscar algo além de si mesmo, algo que ele teve e perdeu. A história da queda é uma explicação lógica e coerente que explica o contraste entre as boas aspirações humanas e suas más obras.

Capítulo 4

▼ Homem e mulher os criou

◘ Adão e Eva como personagens históricos

É estranha às Escrituras a noção de Adão como um símbolo, uma alegoria ou apenas como um representante da humanidade. Ao fazer um paralelo histórico entre Cristo e Adão, Paulo praticamente anulou esta possibilidade. Se um existiu e determinou as condições da humanidade por suas atitudes, o outro fez de modo igual (Rm 5.17; 1Co 15.45-49). Se um foi alguém com existência real dentro do espaço e do tempo, o outro com certeza o foi também.

A ideia de que outras raças existentes não derivaram de Adão não vem da Bíblia. A teoria da evolução tem levantado diversas questões e exigido respostas dos cristãos. Todavia, Paulo tinha como verdadeiro o fato de que toda a geração de homens veio de um único ser - Adão e sua esposa Eva (At 17.26), que, aliás, recebeu este nome (vida) por ser a mãe de todos os viventes (Gn 3.20).

Claro que não podemos virar as costas para os postulados científicos e recusar quaisquer respostas aos questionadores. Por outro lado, também não podemos inocentemente aceitar que o simples carimbo de "científico" sobre uma teoria nos obrigue a ignorar as óbvias colocações das Escrituras. A ciência continua com muitos "elos perdidos" e não pode explicar satisfatoriamente a origem do homem sobre a Terra. Portanto, crer em um Adão literal não é de forma alguma ilógico, mesmo que não possamos responder ainda a todos os questionamentos.

Mesmo que as lendas sejam apenas lendas, é interessante notar que as tradições de diversos povos, principalmente dos povos do crescente fértil, falavam de um casal primevo, do qual teria se originado a raça humana. Alguns povos faziam deste casal primevo a origem de sua raça. De qualquer forma, para os povos antigos, mais próximos da origem da História, não havia nada de estranho nesta pressuposição. Quando novas propostas foram lançadas ao mundo, estas foram agarradas tenazmente, não porque tivessem definitivamente sido provadas, mas porque satisfaziam o ego humano em muitos sentidos.

A relação homem e mulher dentro dos aspectos criativos de Deus

O Movimento Feminista, não podemos negar, teve muitos resultados positivos. Muitas injustiças e discriminações foram corrigidas, trazendo respeito para as mulheres no mundo todo. Todavia, ir de um extremo a outro é errado. Quando isto acontece, surgem danos e consequências nos relacionamentos sociais.

O relacionamento entre homem e mulher ficou bem definido no próprio ato da criação. O feminismo em sua forma mais agressiva contestou com todas as suas forças a posição de liderança masculina dentro do casamento. Por rejeitar o padrão bíblico, desestruturou famílias e criou uma visão de antagonismo entre homem e mulher que não tinha existido até então.

Primeiro: é importante corrigir uma ideia errada quanto ao ensino das Escrituras sobre o relacionamento homem-mulher. Ambos possuem igualdade inerente em sua natureza. Não é apenas o homem que possui a imagem de Deus, mas a mulher também a possui (Gn 1.26,27; 5.1,2). Quando Jesus diz que o Pai é maior do que ele (Jo 14.28), está falando de posição e não de natureza. O Pai podia ser considerado "maior" devido a sua posição hierárquica naquela ocasião, mas não era "melhor" do que ele, pois a natureza de ambos era igual. A expressão "maior" fala de posição, a "melhor" fala de natureza. Da mesma forma, dizer que a posição da mulher, na escala de autoridade, está abaixo da posição do homem, não é inferiorizá-la. Ela possui a mesma natureza do homem e ele não é melhor do que ela. Se admitirmos que a posição de alguém o torna inferior em sentido moral ou de natureza, então todos seriam culpados ao estabelecer posições e hierarquias.

Segundo: há uma frase atribuída ao Talmude que mesmo sendo apenas uma colocação poética, pode servir para corrigir outro erro. Esta frase diz que a mulher foi tirada da costela para ficar ao lado do homem. Não foi tirada da cabeça para não estar acima dele. Nem do pé para não ser pisada. Mas debaixo do braço para ser protegida e perto do coração para ser amada. Em nenhum lugar a posição homem-mulher justifica qualquer maltrato.

Existem seis fatos que atestam a posição do homem como cabeça do lar:

1. Adão foi criado primeiro e depois Eva (Gn 2.7; 18-23)

Não existe nenhum motivo para entender a criação do homem em Gênesis 1 como sendo diferente daquela narrada em Gênesis 2. A segunda é apenas uma descrição mais minuciosa da primeira. E está bem patente que Deus primeiro criou o homem e só posteriormente formou a mulher quando percebeu que o homem estava incompleto. Paulo sanciona a narrativa bíblica ao dizer "primeiro foi formado Adão, depois Eva" (1Tm 2.13). Ele utilizou este fato para mostrar que a mulher não deveria exercer autoridade sobre o marido (1Tm 2.12).

■ **2. Deus criou Eva para Adão e não o contrário (Gn 2.18)**

Deus deu Eva para Adão como uma auxiliadora capaz, idônea. O homem era o centro dos projetos de Deus e dentro deste projeto ele criou outra pessoa para ajudá-lo. Mais uma vez o apóstolo dos gentios sancionou esta ideia, dizendo que "porque também o homem não foi criado por causa da mulher, mas a mulher por causa do homem" (1Co 11.9). É interessante notar que o apóstolo quase que imediatamente faz outra afirmação, para evitar a ideia de um domínio que ignorasse a interdependência entre homem e mulher: "Todavia, nem o homem é sem a mulher, nem a mulher sem o homem, no Senhor. Porque, como a mulher provém do homem, assim também o homem provém da mulher, mas tudo vem de Deus" (2Co 11.11,12).

■ **3. Adão deu nome a Eva (Gn 3.20)**

Isto indica seu direito ao domínio. Não podemos nos esquecer que anteriormente ele teve autoridade para dar nome a todos os animais e o nome que ele deu foi definitivamente aceito (Gn 2.19,20). Antes ele já havia dado a ela um nome geral, como ser da espécie feminina distinta dele (Gn 2.23) e agora, após a expulsão do Éden, deu-lhe um nome que a distinguiria das demais mulheres que haveriam de nascer.

■ **4. Deus deu o nome de homem à raça humana e não de mulher (Gn 5.2)**

O termo homem foi criado por Deus, enquanto o termo mulher foi criado pelo próprio homem (Gn 3.20). É quase um senso comum se referir ao masculino como representante da humanidade. Até mesmo a gramática reflete este fato. Um homem e outras mulheres recebem a designação de "eles" e não de "elas".

■ **5. Deus se dirigiu primeiro ao homem após a queda (Gn 3.9)**

Sua posição de liderança implicava em responsabilidade. Não era à mulher ou à serpente que Deus pediria conta em primeiro lugar, mas ao homem. Cabia a ele ter evitado a situação, o que não aconteceu e por este motivo teve de sofrer as consequências.

■ **6. Adão, e não Eva, era o representante da raça humana**

A Bíblia fala do pecado entrando no mundo por meio de Adão e não de Eva (5.12). Diz que é nele que todos morrem (1Co 15.22). É Adão que passa a ser uma prefiguração de Cristo como cabeça representativa de toda a raça humana (Rm 5.14).

Dois pontos importantes ainda devem ser considerados dentro deste contexto:

✓A queda não alterou os papéis do homem e da mulher

Adão continuou tendo direito de governá-la (Gn 3.16). Mesmo que a queda tenha tornado esse governo sobre a mulher perverso e agressivo, contudo, não tirou esse direito de liderança. Não foi aqui o início do domínio, mas apenas uma confirmação do mesmo. Não podemos esquecer que a rebelião passou a fazer parte da natureza humana e era muito fácil Eva agora querer insurgir-se contra toda a autoridade. Era importante Eva saber que seu desejo deveria ser para o seu marido.

✓O cristianismo não anulou estas posições

O cristianismo estabeleceu igualdade de direitos para ambos em Cristo (Gl 3.28), no sentido de que ambos possuem o mesmo acesso às dádivas espirituais do Evangelho. Por outro lado, sancionou as mesmas posições existentes quando da criação, com a diferença de que procurou demonstrar que este relacionamento deveria ser purificado de atitudes consequentes da queda, como a falta de amor do marido, por exemplo.

Estas colocações são de extrema importância. Nem tudo o que foi feito em nome do cristianismo foi feito de acordo com os ditames do cristianismo. Nem tudo o que é realizado em nome das Escrituras tem a aprovação de Deus. Um exemplo claro foi a escravidão, que era justificada pelos donos dos escravos com base em Gênesis 9.

Da mesma forma, se houve abusos de autoridade dos homens para com as mulheres, isto não justifica ignorar esta autoridade ou não dá a ninguém o direito de revogá-la. Não é porque os governantes falharam tantas vezes em sua liderança, que deva ser tirada dos governantes sua autoridade. Deus previu uma liderança do homem dentro da família, dentro de um clima de amor e respeito.

Capítulo 5

▼ Espírito, alma e corpo – a natureza do homem

◘ Por que Deus criou o homem?

Um outro ponto sempre discutido é: "Por que Deus criou o homem?" Claro que se ele não quisesse, não precisava tê-lo feito. Aliás, não precisava ter feito nada do que fez. Não foi impulsionado por uma necessidade, pois caso tivesse necessidades, então não seria um ser autossuficiente e completo e, portanto, não seria Deus. Depois de ter feito todas as coisas, poderia também cessar neste ponto, mas não o fez.

Primeiro, é importante dizer que Deus faz tudo o que ele quer porque ele é Deus, conforme diz o Salmo 115.3. A única motivação é sua própria vontade. Ele desejou criar o mundo e fez conforme o seu desejo. Paulo, em sua epístola aos efésios, exprimiu esta ideia de forma magistral, ao dizer que Deus faz tudo "segundo o conselho de sua vontade" (Ef 1.11) e também "segundo o seu beneplácito" (Ef 1.9).

Quanto ao homem, é a coroa da criação de Deus. Podemos aplicar ao motivo de sua criação o mesmo que temos em Isaías 43.7, em que ele diz "criei para minha glória". Assim, o homem foi criado com o propósito de glorificar a Deus. Romanos 11.36 diz: "porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente". Tudo converge para Deus e a criação do homem não é diferente de modo algum.

A natureza do homem

O homem é um dos muitos seres que existem no universo. Existem seres racionais e irracionais, seres humanos e seres angélicos e existem as pessoas divinas – Pai, Filho e Espírito Santo. Cada um possui suas próprias características, suas particularidades que os distinguem dos demais seres. A Bíblia define qual é a natureza, os atributos de cada um desses seres.

Apoiar-se em fontes externas é sempre perigoso. Claro que a biologia, a psicologia, a sociologia e a antropologia, ciências não bíblicas, possuem seu valor na procura de um entendimento acerca do homem. Mas nenhuma delas é autoritativa, nenhuma delas exprime a mente de Deus. São apenas tentativas do homem de entender a si mesmo e ao seu semelhante.

O mesmo podemos dizer da filosofia e das religiões. São tentativas, mas não afirmações definitivas sobre o que é o homem. Elas não podem e de fato não fazem uma declaração infalível da natureza humana. É curiosa uma frase que encontramos em um dos principais diálogos de Platão, o *Fédon*, aliás, é o diálogo no qual é discutida a questão sobre a alma: "Meu ponto de vista, Sócrates, a respeito de questões deste gênero, sem dúvida, será também o teu ... que um conhecimento certo disto, na vida presente, se não impossível, pelo menos, é extremamente difícil de obter. Mas, por outro lado, está claro, se as opiniões relacionadas a tudo isso não forem submetidas a uma crítica realmente aprofundada, se se abandonar o assunto sem antes ser examinado, em todos os sentidos, então, é porque se tem uma natureza fraca! É necessário, pois, a este propósito, fazer uma das coisas seguintes: Não perder a ocasião de instruir-se ou procurar aprender por si mesmo, ou então, se não for capaz de uma, nem de outra destas ações, *ir buscar em nossas antigas tradições humanas, o que houver de melhor e de menos contestável, deixando-se assim levar como sobre uma jangada, na qual nos arriscaremos a fazer a travessia da vida, uma vez que não a podemos percorrer, com mais segurança e com menos risco, sobre um transporte mais sólido: quero dizer, uma revelação divina!*".

Como vemos, somente uma revelação de Deus e não a razão pode nos ajudar nesta questão tão séria e importante que é definir o que é o homem.

Visão materialista

O racionalismo do século 18 em diante, aliado mais tarde ao espírito científico e ao empirismo, estabeleceu que tudo o que não pudesse ser comprovado pela ciência conforme era entendida, deveria ser rejeitado. A física e a química fizeram grandes avanços no sentido de explicar o funcionamento do Universo e das ações da natureza. Como resultado disto, a ideia de que o homem pudesse possuir algo além de seu corpo físico, foi rejeitada.

O ser humano não era nada mais que funções do organismo em operação. Os sentimentos e pensamentos podiam ser explicados pelas leis da física e da química sem qualquer dificuldade. Nada além do túmulo. Nada além do que os sentidos poderiam perceber. Não existe nada transcendente ao homem e ao seu período de existência sobre a terra. A vida humana não era uma preparação para uma vida posterior em um estado imaterial, porque não existe um estado diferente deste.

Era proposta uma ética independente da religião. O homem poderia ser bom, mesmo que não houvesse motivos divinos para isto. A consequência desta visão foi um hedonismo sem limites, em que as pessoas só existem para satisfação de seus próprios prazeres. "Comamos e bebamos, porque amanhã morreremos" (Is 22.13), foi o resultado de uma tal compreensão da natureza humana.

■ **Visão panteísta**

Derivada da cultura hinduísta, esta concepção da natureza do homem tem se infiltrado no pensamento ocidental devido ao movimento Nova Era e ao que podemos chamar de "orientalização" do Ocidente. No hinduísmo, as coisas são apenas parte de um todo e tudo é Deus. O homem seria apenas uma das manifestações da forma de Deus.

Em seu panteísmo, as concepções antropológicas do hinduísmo, elevam e ao mesmo tempo rebaixam o ser humano, pois tanto ele é igual a Deus como inferior a uma vaca. A morte de um ser humano é igual à morte de um animal. Ambos estão apenas mudando sua forma dentro da divindade.

Aqui se quebra a individualidade humana. Não existem seres completamente distintos e únicos, com autoconsciência e responsabilidade particular por sua própria vida. O todo e a personalidade se confundem. O hindu aspira ao Todo, para tornar-se Nada. O seu "céu" não lhe dá qualquer prêmio por uma vida de devoção, mas a anula e posteriormente ele perde sua existência individual e é absorvido no Todo.

Em alguns casos, a doutrina hindu coloca todas as coisas como mera projeção da mente humana. Ou seja, nada mais existe, só o homem, que cria com sua mente as demais coisas ao seu redor. Tudo não passaria de uma simples projeção do pensamento humano. Para conhecer esta realidade o homem precisaria "rasgar o véu de Maia".

Talvez, uma olhada na situação econômica e social da Índia, seja suficiente para fornecer uma ideia do que pode produzir uma tal concepção antropológica.

■ Doutrina bíblica

Quando Deus criou o homem, soprou nele o fôlego da vida (Gn 2.7). Isto o tornou uma alma vivente. Se levarmos em conta que Deus até então não fizera isto a nenhuma de suas criaturas, só podemos concluir que ele adicionou a ele uma natureza diferente, espiritual, capaz de estabelecer relacionamento com ele. Jesus disse que Deus é espírito e, portanto, é só por meio desta parte espiritual que se torna possível o homem estabelecer contato com Deus. Só o homem é um "animal religioso".

Assim, diferente dos anjos que são apenas espíritos (Hb 1.14), o homem é espírito e corpo, imaterial e material. Pode se relacionar tanto com a criação material, porque traz elementos do mundo material em si, bem como pode ter contato com Deus e as demais realidades espirituais, porque traz elementos espirituais em si mesmo.

Ele não é apenas funções fisiológicas como querem afirmar os céticos, porque a vida é mais do que o alimento e o corpo mais do que as vestes (Mt 6.25). Por outro lado, ele é uma criatura distinta do criador. O homem é o homem e não Deus, assim como o barro não é oleiro (Is 29.16; 64.8).

O apóstolo Paulo denomina a parte espiritual do ser humano como "homem interior" (Rm 7.22; 2Co 4.16), como oposto ao homem exterior que é aquele que está relacionado aos sentidos. Assim, sem negar seu corpo físico, o que levou ao ascetismo e crenças estranhas no decorrer da História, e sem negar o lado espiritual do ser humano, o que leva ao materialismo, ao cepticismo e ao hedonismo, as Escrituras Sagradas assumem a vida do homem sobre a Terra como um plano de Deus, ao mesmo tempo que o insta a buscá-lo e a buscar algo além disso.

Para uma compreensão da doutrina bíblica sobre o homem, vamos analisar o que ela diz sobre sua natureza físico-espiritual.

◘ O homem interior

Alguns grupos religiosos querem achar na Bíblia suporte para negar uma parte espiritual no homem, que sobrevive ao seu corpo, que transcende sua natureza física e terrena. Mas as Escrituras frisam abundantemente estes dois aspectos de sua natureza.

Dentre os que reconhecem essa característica, existem os dicotomistas e os tricotomistas. A diferença é que os primeiros veem o homem bipartido em corpo e alma ou espírito, sendo que ambos seriam sinônimos. Para justificar, mostram alma e espírito sendo usados com os mesmos aspectos dentro das Escrituras. Por exemplo: às vezes a parte imaterial do homem é referida como espírito (Ec 12.7) e às vezes como alma (Ap 6.9). Em alguns trechos diz que o corpo morre quando sai o espírito (Sl 146.4) e outras vezes quando lhes sai a alma (Gn 35.18).

Quanto aos tricotomistas, distinguem espírito e alma baseados principalmente em 1Tessalonissenses 5.23, que fala do homem todo como sendo corpo, alma e espírito, e Hebreus 4.12, que fala da Palavra de Deus como dividindo alma e espírito. Para estes, a alma tem funções diferentes do espírito. Ela seria correspondente a tudo aquilo que se relaciona ao homem consigo e com outros, como pensamentos, emoções e vontades. Quanto ao espírito, caberia às funções espirituais, tudo aquilo que estaria relacionado a Deus e ao mundo espiritual, como adoração, comunhão e consciência.

Para os dicotomistas, por sua vez, alma-espírito são o mesmo elemento que realiza todas estas funções. Para eles estes textos são insuficientes para estabelecer uma visão tripartida do homem.

A tricotomia tem uma história recente dentro da teologia, mais especificamente dentro da antropologia bíblica. A maioria dos teólogos e das teologias sistemáticas à disposição para estudo apresenta definições dicotomistas, alegando para isto as poucas e frágeis passagens bíblicas existentes para sustentar a tricotomia.

Alguns estudiosos, entre eles John Wesley, criam que o homem era uma dicotomia antes da sua conversão, mas após esta, tornavam-se uma tricotomia. Em outras palavras, o homem sem Deus não teria espírito ou pelo menos este estaria morto e completamente destituído de suas funções. Ao converter-se o homem receberia o espírito da parte de Deus ou teria o seu vivificado e capaz de cumprir suas funções. É uma posição difícil de se sustentar diante das referências bíblicas ao espírito dos não-salvos.

Não se pode deixar de reconhecer a estreita relação entre ambos. Pode-se mesmo dizer que um inexiste sem o outro. Vale a pena frisar que nunca é dito que os animais possuem espírito (com exceção de Ec 3.21 que tem ideia apenas de fôlego), mas somente ao homem é atribuído um espírito. Se o espírito é um órgão distinto da alma ou apenas uma parte mais profunda desta, é difícil de determinar.

Não há qualquer dificuldade nisto em termos de relacionamento com Deus. Cabe-nos apenas aprender as funções de nosso "homem interior". Nos estudos de antropologia bíblica, tem-se buscado enfatizar cada vez mais a unidade do homem interior e isto tem facilitado bastante o entendimento.

Também gostaríamos de refutar algumas proposições da Nova Era quanto à natureza do homem. Este não é de modo algum uma divindade ou um cristo interior como creem os esotéricos, mas apenas se identifica com Deus e pode se relacionar com ele. Na verdade, convém lembrar que o ser humano é menor em força e poder até mesmo do que os anjos (2Pe 2.11).

O fato de haver algumas divergências teológicas quanto a alguns aspectos da natureza humana, não invalida suas declarações. Todas as ciências, mesmo as que são aplicadas e funcionam dentro da técnica e da indústria, apresentam linhas diferentes. Mesmo que dentro da antropologia bíblica possa haver linhas diferentes sobre um ponto da natureza humana, existem muitos pontos resolvidos. Ela mostra claramente aquilo que o homem não é.

Entre outras coisas, ele não é um animal evoluído, não é um ser que tem sua existência finda na morte, não é Deus nem apenas um pedaço deste. Nem é tampouco produto dos ET's. Estes são alguns pontos que a antropologia bíblica resolve. Portanto, quanto mais nos debruçarmos sobre este assunto, mais somaremos argumentos conclusivos, que nos ajudarão a compreender a nós mesmos e à humanidade como um todo.

■ A alma humana

Etimologicamente a palavra alma vem do hebraico *nephesh* e do grego *psique*, a alma é a vida da carne. Os termos se referem tanto à alma quanto à vida da alma e por isso é traduzida simplesmente como "vida" algumas vezes. A palavra "espírito" vem do hebraico *ruah* e do grego *pneuma*, e pode significar vento, fôlego ou espírito.

Ao buscar o sentido de "alma" ou "espírito" na Bíblia, é de extrema importância aplicar regras de hermenêutica. O significado de um termo está estreitamente ligado ao seu contexto. Em lugares diferentes a mesma palavra tem sentidos diferentes. Por isso não se deve tomar um único texto como estabelecendo o sentido único para um determinado termo. Deve-se tomar sempre as Escrituras como um todo.

Podemos distinguir pelo menos cinco significados diferentes aos quais a Bíblia atribui a palavra alma. Temos de lembrar que em nenhum lugar existe uma definição explícita do significado, como acontece em um dicionário, por exemplo. Portanto, nos cabe entender este sentido inferindo-o em cada passagem.

Uma passagem que mostra claramente as diferentes aplicações da palavra alma é Isaías 53. Nesse texto se fala que a alma do servo se põe por expiação no sentido de vida (v.10); fala de trabalho de sua alma no sentido de pessoa (v.11) e que derramou sua alma no sentido de sangue (v.12).

A alma como sangue (Gn 9.4; Lv 17.11, 14)

Esta é apenas uma das identificações da alma. Que a vida da carne esteja no sangue, no sentido de que este elemento biológico seja essencial para a manutenção do funcionamento do corpo, não temos qualquer dúvida. Mas tornar este líquido vermelho como único sentido de alma é entrar em contradições desnecessárias como fazem as testemunhas de Jeová.

O sangue permeia de fato todo o corpo e possibilita a existência e manutenção da vida para todos os órgãos do homem. É bem provável que a identificação do sangue com a vida e a alma seja apenas metafórica, devido à sua importância. Transformar ambas em sinônimo, foge à hermenêutica bíblica.

Em uma clara ilustração da alma ou vida como sangue, podemos verificar o valor das vidas na Bíblia, pelo seu sangue, dentro de uma graduação. Primeiro vem o sangue dos animais. Depois vem o sangue do homem, com valor maior porque ele tem a imagem e a semelhança de Deus (Gn 9.6). Dentro da espécie humana há uma estima especial pelo sangue dos inocentes e dos mártires (Gn 4.10; Mt 23.35). E acima de todos está o sangue de Cristo, pois representa a vida mais preciosa que já existiu neste mundo (1Pe 1.19; Hb 9.12). Era a vida da divindade unida à vida humana.

Por representar a vida, o derramamento do sangue tornou-se o meio de expiação do pecado: "Porque a vida da carne está no sangue; pelo que vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas; porquanto é o sangue que fará expiação pela alma" (Lv 17.11).

A alma como pessoa (At 7.14)

Pelo fato de na alma se encontrar a essência do que é o ser humano, a Bíblia identifica alma como sendo pessoa. Há alguns que se recusam a fazer uma distinção entre a alma do homem e a alma dos animais, no entanto, no texto de Atos 7.14, a alma é identificada com o ser inteiro, e existe, automaticamente, distinção entre a alma humana e a animal. Por que quando Estevão fala da descida de Jacó para o Egito ele fala de setenta e cinco almas? Claro que eles vieram com todo os seus animais, mas estes não entraram na conta.

A alma, neste aspecto, pode ser vista como sendo a personalidade. É na alma que residem todos os ingredientes que fazem uma pessoa ser o que ela é. É a soma de seu temperamento, seu caráter, sua maneira de ser. É através da alma que distinguimos uma pessoa de outra pessoa, pois assim como não existem dois corpos iguais, assim também não existem duas almas iguais. Não importa a que circunstâncias semelhantes duas pessoas sejam submetidas, elas permanecerão distintas, pois suas almas são diferentes, como podemos perceber no caso de Esaú e Jacó, que foram irmãos gêmeos nascidos sob as mesmas condições (Gn 25.19-27).

A alma como vida (Gn 1.20)

Alma é, algumas vezes, identificada nas Escrituras apenas como "vida". Neste aspecto, tanto os animais, quanto o homem possuem alma – do latim "*anima*". Podemos até dizer que em certo aspecto, os vegetais também possuem alma porque possuem vida embora seja uma vida inconsciente. Mas isto não significa que dentro destes conceitos de "alma" não exista distinção.

O ser humano, por sua alma, é diferente dos seres: vegetais (Jó 14.7-10); animais (Mt 6.26); dos anjos (2Pe 2.11); de Deus (Is 29.16) e mesmo de outros homens. É seu fator distintivo de individualidade perante tudo.

Os tradutores sempre encontram dificuldade em traduzir "psique", de modo que algumas vezes é traduzido como "alma" e outras vezes como "vida". Alguns se referem como sendo a vida da alma. A conceituação de uma palavra não é coisa fácil, principalmente em se tratando de uma ideia tão subjetiva quanto à vida. Mesmo definir o que é vida não é tão simples assim. Algumas vezes, só mesmo o contexto no qual a palavra está sendo empregada pode definir claramente seu sentido.

A alma como parte indestrutível do homem (Mt 10.28)

É bom entendermos os termos dentro de seu contexto. Isto porque lemos em Ezequiel 18.4,20 que a alma morre. Mas lemos também em Mateus 10.28 que ninguém pode matar a alma. Não se trata de uma evidente contradição, apenas de uma contextualização. Ezequiel está se utilizando da alma no sentido de pessoa que será punida pelo seu pecado. Ao dizer "a alma que pecar" está tornando evidente que pelo fato de a alma tomar as decisões, por ser ela a sede da vontade, é ela que peca, ou seja, a pessoa peca e morre. No caso de Jesus, ele está falando dos que podem ser mortos por causa de seu testemunho. Seu corpo pode morrer, mas sua alma não. Esta, só Deus pode puni-la, lançando-a no inferno (*Geena*). É bem clara a distinção que Jesus faz da parte física e da parte não física do homem.

Na passagem do rico e Lázaro em Lucas 16.19-31, fica bem clara a existência da alma como uma parte do homem que permanece consciente após a sua morte. Ainda que no Antigo Testamento nem sempre isto tenha ficado claro, é possível ver, por exemplo, em Gênesis 35.18, que ao narrar "saiu-lhe a alma (porque morreu)" a alma era vista como algo mais do que sendo a própria pessoa e seu sangue. É bom notar que Atos 2.27, que fala da ressurreição de Jesus, citando o Salmo 16, fala que sua alma não ficará no *Hades* ou *Sheol*, demonstrando que há um lugar específico onde fica a alma.

Paulo fala ainda de sua morte como sendo uma partida para estar com Cristo (Fl 1.23) e deixar este corpo para estar com o Senhor (2Co 5.8). Em 2Coríntios 12.3,4 ele fala de uma visita feita ao Paraíso ou Terceiro céu, que ele não sabe dizer se foi no corpo ou "fora do corpo", dando a entender uma parte do homem independente do corpo físico.

Pedro, da mesma forma, se refere a sua morte como deixar este tabernáculo, isto é, seu corpo (2Pe 1.14). O apóstolo Pedro não contemplava seu corpo como sendo a única realidade de sua natureza, mas entendia que havia algo maior em seu verdadeiro ser que deixaria seu corpo por meio da morte.

O apóstolo João também se refere a uma experiência fora do corpo, ou seja, no espírito, por ocasião de suas visões no livro de Apocalipse (Ap 4.2). Igualmente, em Apocalipse, em que as realidades espirituais são retratadas de forma bastante evidente, vemos as almas debaixo do altar de Deus. Eram pessoas que haviam sido mortas e estavam conscientes sob o altar de Deus (Ap 6.9-12).

Todas estas referências são substanciais para mostrar que existe uma parte da natureza humana, denominada espírito e/ou alma, que tem consciência e permanece existindo mesmo após a extinção do corpo. Não existem fundamentos para dizer que a doutrina cristã a respeito da alma humana foi extraída da filosofia grega e não da Bíblia, pois nesta (na Bíblia) a alma também é fartamente referida como a parte imaterial, o homem interior.

■ A origem da alma

Outras questões teológicas que precisam ser colocadas à luz da Escrituras são "quando surge a alma no homem?"; "As almas foram criadas todas de uma única vez ou cada ser que nasce recebe uma?"; "Esta alma é transmitida de ser humano para ser humano ou Deus cria cada uma individualmente por ocasião de seu nascimento?"

A ideia de uma pré-existência da alma humana não tem nenhum fundamento bíblico. Orígenes (185-254), mestre cristão de Alexandria, foi um dos poucos que levantou esta hipótese em sua obra *Ode à imortalidade*. Seu conceito se aproximava em alguns pontos do gnosticismo. Nas Escrituras, alma e corpo são originados simultaneamente. Não é gerado apenas um corpo que está sendo formado para abrigar uma alma, mas um ser inteiro (Jó 10.8-12; Sl 139.13-17).

Por esse motivo, é impossível não assumir a morte de um feto como a morte de um ser humano. Ter um corpo significa já possuir do mesmo modo uma alma. O anjo Gabriel disse a Zacarias que João Batista seria cheio do Espírito Santo desde o ventre de sua mãe (Lc 1.15), o que demonstra que o mesmo já era detentor de espírito mesmo antes de estar completamente formado. O aborto, portanto, é um assassinato, pois não está apenas pondo fim a um corpo em formação, mas também a um espírito em formação, que mesmo neste estágio já é apto para a comunhão com Deus.

Diversas passagens mostram que o espírito de cada indivíduo é uma produção única e especial de Deus (Ec 12.7; Is 57.16; Zc 12.1; Hb 12.9). Quando uma vida começa a ser formada, está sendo formada em seu todo – seu corpo, sua alma e/ou espírito. Isto não significa que de alguma forma o homem participe da formação deste novo ser. Não podemos esquecer que existe uma "herança" da natureza pecaminosa que vai sendo transmitida de geração em geração, de modo que a decadência da natureza adâmica foi se propagando a todos os seres humanos (Rm 5.12; 1Co 15.22).

Já na criação do homem, fica evidente que o homem, ou antes, sua alma, não é preexistente de forma alguma: "E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente" (Gn 2.7). Não só seu corpo foi originado, mas também, nesse mesmo instante, tornou-se alma vivente. Não há qualquer dúvida de que a partir desse momento ele tinha a missão de crescer e multiplicar sua espécie sobre a terra. Adão então vai reproduzir sua espécie. Seus filhos foram gerados conforme sua imagem e semelhança (Gn 5.3).

■ Funções da alma

Na alma humana estão presentes os elementos essenciais que nos tornam seres peculiares. Assim como o corpo tem suas funções distribuídas em cada órgão, assim também acontece com a *psique* humana. Se levarmos em conta o binômio alma-espírito, sejam eles sinônimos ou não, podemos descrever suas principais funções como a seguir:

Inteligência / conhecimento

Através dos sentidos, a alma exerce a faculdade de aprender, conforme registra o salmista: "... e a minha alma o sabe muito bem" (Sl 139.14). A mente na verdade não é um objeto inanimado. Esta é a capacidade da alma, a de absorver e somar conhecimento. E não apenas isto, mas também de organizar este conhecimento e formar opiniões e conceitos com ele. Esta é a capacidade racional da alma. Aquilo que o homem aprende, ele o desenvolve e aplica.

Um ponto muito importante é o fato de que Deus deu a tarefa ao homem de colocar nome em todos os animais (Gn 2.19) e ele cumpriu esta tarefa. Isto denota o imenso poder intelectual concedido ao homem. Outra demonstração clara deste poder intelectual é que Deus entregou o Éden na mão do homem para administrá-lo. Adão deveria usar sua inteligência e conhecimento para cultivar e proteger o Jardim (Gn 2.15).

Apesar deste lado racional, desta capacidade de aprender que a alma possui, não se pode negar a existência de um "instinto", isto é, algo inato na alma humana, que em parte comunga com a alma animal, que é essencial para a sua sobrevivência. Estes "instintos" podem ser descritos como:

- ✓ Instinto de autopreservação, que impede o homem de autodestruir-se e leva a cuidar de si próprio. Isto o leva a buscar alimento (a criança quando nasce, busca os seios da mãe instintivamente para se alimentar) e a evitar o perigo.
- ✓ Instinto de perpetuação da espécie, que o leva a buscar reproduzir-se. Sem isto ele se autoanularia.

- ✓E por último, o homem também possui um instinto de domínio, que embora varie de pessoa para pessoa, representa a busca humana por ampliar sua influência e lhe permite criar a vida organizada em sociedade.

De todos os animais, o homem é o que possui menos instintos. Isto porque só sua mente é capaz de administrar seus conhecimentos em prol de si mesmo, dependendo assim, muito mais da razão do que do instinto.

Emoção

"Então disseram uns aos outros: Na verdade, somos culpados acerca de nosso irmão, pois vimos a *angústia da sua alma*, quando nos rogava; nós porém não ouvimos, por isso vem sobre nós esta angústia" (Gn 42.21).

Uma das maiores e mais visíveis expressões da alma são os sentimentos. Estes podem em muitas situações se tornar descontrolados e mesmo quando são controlados não são opcionais. Ninguém pode escolher ter ou não sentimentos. Eles fazem parte da natureza da alma e irão se manifestar independente da vontade desta.

Volição

"Assim *a minha alma escolheria* antes a estrangulação; e antes a morte do que a vida" (Jó 7.15).

A escolha é uma das grandes características do homem. Sua vontade é o que move o mundo. A alma, munida das percepções e sentimentos, decide continuamente. O existencialismo, doutrina filosófica desenvolvida principalmente pelo francês Jean-Paul Sartre, colocava a decisão, apoiada no livre arbítrio, como o fator que forma a personalidade humana.

Comunhão e adoração

"Disse então Maria: *A minha alma engrandece ao Senhor*..." (Lc 1.46) e ainda: "Mas o que se ajunta com o Senhor é um mesmo espírito" (1Co 6.17).

Deus é espírito (Jo 4.24), portanto, somente por meio do seu espírito o homem pode comunicar-se com Deus. A semelhança entre o homem e Deus é o fator que permite a comunhão entre ambos. Os animais, embora possuam alma, não a possuem como o homem. Prova disso é que o animal mais evoluído e inteligente continua completamente incapaz de estabelecer algum relacionamento com Deus. Somente o homem é capaz disto por meio de seu espírito.

Outro ponto interessante com respeito à função da união exercida pela alma é que esta união não está limitada apenas à união do homem com Deus. Quando olhamos as Escrituras, vemos que as almas se unem, o homem forma uma unidade composta por meio desta parte interior. A alma de um homem se une à alma de outro homem (At 4.32).

Consciência

"Dando-me testemunho a minha consciência..." (Rm 9.1).

Este é o elemento da alma humana que avalia todas as ações, classificando-as como certas ou erradas. Mesmo que fatores externos ao homem influenciem este julgamento, é impossível não reconhecer que existe dentro do ser humano um "juiz" inato, que ou o acusa ou o defende (Rm 2.15). As leis externas e as convenções sociais apenas sancionam ou destacam este conhecimento *a priori* que a consciência apresenta.

Intuição

"E Jesus, conhecendo logo em seu espírito que assim arrazoavam entre si, lhes disse: Por que arrazoais sobre estas coisas em vossos corações?" (Mc 2.8).

Nem tudo que o homem sabe vem necessariamente pelos sentidos e pela razão. Em se tratando das coisas divinas e espirituais, muito é apreendido principalmente pela intuição. Quando Jesus disse a Pedro que o que ele havia dito não era resultado de carne ou sangue, mas da revelação de Deus, ele estava falando do conhecimento que vem por meio da intuição (Mt 16.17). Vale lembrar a famosa frase do filósofo cristão, Blaise Pascal: "O coração tem suas razões, que a própria razão desconhece".

Algumas vezes a Bíblia atribui à alma as mesmas sensações do corpo. Mais do que metáforas, estas sensações demonstram certas facetas da alma humana que estão sujeitas às impressões externas. Vejamos algumas delas:

- ✓ A alma sente cansaço (Mt 11.29);
- ✓ A alma é traspassada pela dor como por uma espada (Lc 2.35);
- ✓ A alma pode ser comunicada, no sentido de doada, dividida com outros (1Ts 2.8);
- ✓ A alma deve ser limpa e purificada (1Pe 1.22);
- ✓ A alma trabalha (Is 53.11).

■ O espírito humano

A Bíblia fala bastante do espírito humano. Na verdade, é somente ao ser humano que ela atribui espírito, com uma única exceção – Eclesiastes 3.21. Todavia, como já vimos, o original hebraico e grego lhe atribui o significado de fôlego e nesse sentido os animais também têm fôlego.

A Bíblia diz que o espírito do homem é a lâmpada do Senhor (Pv 20.27) que esquadrinha seu ser mais interior. O mesmo diz o apóstolo Paulo (1Co 2.11). Deus age no espírito do homem, dando-lhe um espírito novo (Ez 36.26; Jo 3.7). Quando o espírito é renovado, ele se torna a sede do serviço a Deus. A Bíblia diz que o homem passa a servir a Deus em novidade de espírito (Rm 7.6).

O homem regenerado serve a Deus em espírito, isto é, na força de um espírito regenerado que agora foi transformado por ele (Rm 1.9); adora a Deus em espírito (Jo 4.24); sente alegria no espírito (1Ts 1.6); ora no espírito (1Co 14.15); canta no espírito (1Co 14.15); anda (vive) no espírito (Gl 5.16). Isto indica uma nova esfera de existência. Antes era governada simplesmente por sua própria vontade (Ef 2.3). Agora é governada pelo seu homem interior que foi transformado por Deus.

O espírito é descrito como a natureza do homem, definindo de uma forma tão estreita o seu caráter, que as características de um homem são declaradas na Bíblia como sendo as características de seu espírito. Dessa forma se diz que um homem tem um "espírito altivo" quando ele é orgulhoso (Pv 16.18); um espírito perverso se ele é mal (Is 19.14); um espírito contrito e humilde se ele assim procede (Is 57.15); um espírito manso e quieto se ele se comporta com mansidão e humildade (1Pe 3.4).

- **O coração do homem**

A Bíblia fala muito do coração do homem como sendo o centro de sua vida, a sede de seus pensamentos e decisões (Pv 4.23). O coração humano, geralmente é identificado com o espírito humano (Rm 2.29). A ele se atribui a mesma característica que à alma (Rm 9.2; 10.1). A ele se refere toda a vida interior, tudo aquilo que é feito não de modo externo, aparente, mas com profundidade, com essência (Rm 6.17).

Não seria correto nós querermos fazer grande distinção entre alma-espírito e coração. Por sua utilização geral dentro das Escrituras, só podemos admitir que, ou ambos são sinônimos, ou estão inseparavelmente ligados. O coração é aquilo que é sondado por Deus para nos conhecer (Ap 2.23). Logo, ele só pode ser identificado como o "homem interior" ou uma parte dele.

Origem, funções e natureza do corpo

Aparentemente não há muito o que dizer com respeito ao corpo do ser humano, pois este dispõe das mesmas funções fisiológicas que os demais animais e seres vivos. É por meio do corpo que os sentidos se manifestam e tomam ciência da realidade circundante. É por meio deste corpo que o homem se move em todos os sentidos. Ele executa as funções comuns da vida como comer, dormir, locomover, reproduzir etc. Esses são os fatores que identificam a vida, isto é, por meio de suas funções.

Todavia, dentro de uma antropologia bíblica também é importante focalizar o que o corpo significa para o ser humano. Representa o mesmo que para os animais? Representa o mesmo que para todas as religiões? O cristianismo encara o corpo físico da mesma maneira que outros segmentos religiosos como hinduísmo e budismo, por exemplo?

Quando olhamos para a visão platônica ou para a visão hindu, o desprezo pelo corpo físico em si é muito grande. Na verdade, dentro de sua cosmovisão, o corpo humano é um estorvo para o homem, um impedimento para o seu progresso. Avançar em direção a Deus significa livrar-se do corpo. Este nada mais é do que uma grande maldição e deve ser reduzido a um mínimo de atividade. Este inclusive é o alvo dos iogues – levar a atividade do físico a zero.

A Idade Média foi profundamente influenciada pelo platonismo. O movimento monástico na verdade começou com homens que abandonavam tudo e iam viver no deserto, castigando seus corpos com privações extremas. Privavam-se completamente de sexo e consumiam o mínimo de alimento necessário. Além disso, algumas vezes infligiam dores propositais, somente para castigar o corpo, por causa de sua malignidade inerente.

Algumas vezes, por exemplo, a matéria foi vista como algo inferior, que não havia sido criado por Deus, mas por um outro deus inferior ou que era uma degeneração da realidade correta, que era completamente espiritual. Este foi o caso do gnosticismo. Dentro desta heresia, se levantaram homens, que inclusive, negavam ter Jesus possuído um corpo físico como o nosso, visto a matéria ser má.

A ideia bíblica, porém, não é esta, embora isto tenha feito parte do pensamento cristão por muitos anos. As Escrituras não ensinam que a matéria seja inerentemente má. Muito pelo contrário. Diz que depois de Deus ter construído todas as coisas, inclusive o corpo humano, ele viu que tudo era "muito bom" (Gn 1.31). Quando as Escrituras atribuem corrupção à matéria criada e ao corpo físico do homem (Rm 7.18) ela o faz tendo em vista o evento da queda, que corrompeu esta criação (Gn 3.17).

A Bíblia usa figuras de linguagem ao se referir ao corpo humano, tal qual vemos a seguir:

- **Tabernáculo (2Co 5.1; 2Pe 1.13)**

Um tabernáculo é uma tenda, uma cabana feita de lonas. Esta figura usada para descrever o corpo humano é bastante sugestiva. Primeiro porque transmite a ideia de que o homem em sua essência não é a tenda, mas mora dentro dela. Querer resumir o homem a apenas aquilo que pode ser medido e pesado, ou àquilo que ocupa lugar no espaço e tem peso, é não compreender o que é verdadeiramente a natureza humana.

A segunda ideia transmitida pela figura é a de transitoriedade. Um palácio, uma casa, é mais duradouro do que uma barraca. Da mesma forma este nosso corpo humano abriga a nossa alma apenas por um período relativamente pequeno. A vida na Terra não passa de uma mera peregrinação.

■ **Invólucro (Dn 7.15)**

Em Daniel 7.15 o profeta fala de seu espírito dentro de seu corpo ou, em suas palavras, "dentro de mim". Na verdade, uma tradução mais próxima ainda seria "bainha", ou seja, o lugar onde se guarda a espada ou punhal. O elemento "eu" não é o corpo, mas aquilo que se encontra dentro dele. Mais uma vez gostaríamos de confirmar que a ideia de alma humana como sendo sua verdadeira pessoa que continua consciente após a destruição do corpo não é ensinada por nós cristãos com base em nenhum filósofo, mas sim nas Sagradas Escrituras. O corpo é o continente e o homem o conteúdo.

■ **Templo (1Co 6.19)**

"Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos?" (1Co 6.19). Esta é outra figura utilizada para descrever o corpo, neste caso, refere-se ao corpo do cristão. Quando o homem é regenerado, ele passa a ser habitação de Deus em seu aspecto triúno, isto é, o Pai, o Filho e o Espírito Santo fazem morada no cristão (Jo 14.23; Rm 8.11). O corpo serve apenas como morada de Deus.

Por este motivo, enquanto o ascetismo tem produzido visões erradas do que seja o corpo humano, levando adeptos de certas religiões a maltratarem seus corpos, encontramos na Bíblia que o homem sensato jamais manifesta amor a si próprio, mas zela e cuida de seu próprio corpo (Ef 5.29). Devido a grande influência do platonismo, o mundo romano via a purificação e santidade somente possíveis se o corpo fosse de alguma forma "neutralizado". Buscava-se alcançar tal estado por meio de regras externas. Mas Paulo argumentou que estas coisas, apesar de toda a disciplina e devoção que aparentavam, não eram eficazes para anular as manifestações carnais (Cl 2.20-23).

Por fim, vale a pena frisar que a teologia paulina emprega amplamente a palavra "carne". Esta, todavia, não é sinônimo de corpo físico, como podemos constatar por meio do contexto, mas faz referência a natureza humana decaída e contaminada pelo pecado. Vale ainda destacar que mesmo que alguns pecados estejam ligados ao corpo físico, como a glutonaria e a sensualidade, outros, como a inveja e o orgulho, não podem ser relacionados apenas ao corpo. Portanto, o conceito de carne como algo pecaminoso transcende a natureza física e vai até o homem interior. Logo, quando Paulo opõe carne e espírito, não o faz da mesma forma que Platão e outros filósofos, mas em um sentido revelado, exclusivamente cristão.

O que Deus fará com o corpo?

Enquanto na filosofia grega e hindu o alvo religioso é "despir-se" para sempre do corpo, a Bíblia ensina diferente. Este é o ponto central que diferencia a cosmovisão cristã da cosmovisão oriental. O cristianismo, mesmo que tenha sido em boa parte de sua história contaminado por aspectos negativos da filosofia grega, nunca demonstrou uma rejeição teológica à matéria. Porque enquanto sua contraparte ensina que o homem só pode progredir longe da matéria, o cristianismo prega, baseado na ressurreição de Cristo, a redenção desta mesma matéria.

Por este motivo, o apóstolo Paulo, em sua segunda epístola aos coríntios, não fala em apenas deixar o tabernáculo e a habitação terrestre, mas em ser revestido da habitação que é do céu (2Co 5.1, 2). Segundo o pensamento paulino (que é bíblico), não devemos esperar a aniquilação do corpo físico, mas antes, que este seja revestido com a imortalidade (2Co 5.4).

Neste ponto, as pessoas precisam admitir que as Escrituras têm fornecido uma melhor resposta ao problema do mal na espécie humana do que as demais respostas sugeridas. A morte, isto é, a separação do corpo e da alma, não fazia parte da natureza do primeiro casal. E quando falamos em morte nos referimos a ela em suas várias manifestações – velhice, fraqueza, doença etc.

Para o homem hoje, depois de milênios convivendo com o fator morte como sendo inerente à vida, é difícil conceber um ser que não morreria. Ao contemplar seu corpo decadente e toda a natureza ao seu redor, seria mais fácil imaginar que o homem só poderia redimir-se deixando este corpo. Não seria possível uma salvação no corpo, mas somente sem ele.

Somente o cristianismo, tomando como herança as proposições do judaísmo, apresentou a solução deste estado de decadência, como sendo a re-harmonização da matéria e do espírito, desarmonização esta provocada pelo pecado. O corpo e a matéria não precisavam ser deixados de lado. Bastava receberem a redenção. Mesmo que este corpo seja comparado apenas a uma semente (1Co 15.35-38), a verdade é que a Bíblia não ensina sua negação, mas sua transformação.

Capítulo 6

▼ O homem como imagem de Deus

Dentre todos os seres que vivem na Terra, o homem é o único a quem é atribuída a imagem e semelhança de Deus. Embora não exista em nenhum lugar das Escrituras o que significa exatamente a expressão "imagem e semelhança de Deus", é possível inferir muitos pontos em que esta semelhança existe, quando comparamos as características de Deus, do homem e demais seres.

Dentre as coisas que poderíamos estar apontando como semelhança de Deus, temos:

◘ Caráter moral

"Manteiga e mel comerá, quando ele souber rejeitar o mal e escolher o bem. Na verdade, antes que este menino saiba rejeitar o mal e escolher o bem, a terra, de que te enfadas, será desamparada dos seus dois reis" (Is 7.15.16).

O homem possui um caráter moral, pois a noção de bem e mal afeta todas as suas ações. Ele possui noção de valores, de certo e errado, conceitos éticos. A Deus se conferem atributos tais como: bom, justo, santo, misericordioso, honesto etc. Somente ao ser humano podem ser conferidos atributos semelhantes, e assim o fazem as Escrituras. É evidente que quando aplicadas ao homem, estas características carecem da mesma perfeição que possuem quando aplicadas a Deus. Mas demonstram que são passíveis de classificações ligadas ao caráter moral de ambos os seres.

◘ Razão

"Deixe o ímpio o seu caminho, e o homem maligno os seus pensamentos, e se converta ao Senhor, que se compadecerá dele; torne para o nosso Deus, porque grandioso é em perdoar. Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor. Porque assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos" (Is 55.7-9).

Enquanto o animal vive no mundo e sobrevive a ele, o homem o compreende e o controla, ou seja, ele tem a capacidade de perceber o mundo e suas relações. Mesmo que o homem não seja capaz de criar nada *ex nihilo*, isto é, do nada, ele é capaz de transformar as coisas que estão criadas, utilizando sua razão, seu raciocínio. Claro que os pensamentos de Deus são muito mais altos que os nossos pensamentos, e sua onisciência nem se pode comparar com nossa tosca ignorância, mas aqui já percebemos o que há de semelhante – o próprio pensamento em si.

Arbítrio

"Os céus e a terra tomo hoje por testemunhas contra vós, de que te tenho proposto a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe, pois a vida, para que vivas, tu e a tua descendência..." (Dt 30. 19).

Deus fez o mundo e ainda faz sua obra dentro dele regido pela sua própria vontade (Sl 115.3). Não é um autômato, como o ser humano também não o é. Deus é um ser capaz de fazer escolhas e as fez. Da mesma forma, o homem, ao ser colocado no Éden, tinha possibilidade de fazer escolhas, tanto que as fez de modo errado. Quando os irracionais fazem suas escolhas, não as fazem como resultado da reflexão, mas agem instintivamente. Seus erros não têm efeito moral. Animais não pecam porque não fazem escolhas baseadas em valores certos ou errados. Apenas agem pela sua sobrevivência e são incapazes de ir além disso.

Parentesco

"E o mesmo Jesus começava a ser de quase trinta anos, sendo (como se cuidava) filho de José, e José de Heli... e Cainã de Enos, e Enos de Sete, e Sete de Adão, e Adão de Deus" (Lc 3.23).

É curioso como Adão também foi chamado filho de Deus. Isto porque ele trazia dentro de si características que o assemelhavam a Deus. Uma vez que Jesus é o Filho Unigênito, ou seja, o único Filho de Deus (Jo 3.16), o homem não pode sê-lo neste sentido, mas somente em um aspecto diferente. Portanto, o homem, de um modo geral, é filho de Deus porque Deus é o pai dos espíritos (Hb 12.9), mas não pode ser chamado de filho de Deus no sentido neotestamentário, enquanto não tomar uma decisão diante de Jesus Cristo (Jo 1.12).

A palavra "filho", de algum modo, indica parentesco, semelhança, identificação. Por esse mesmo motivo, alguns autores, entre eles Oswald Chamber, veem na designação "filhos de Deus" uma aplicação aos anjos (Jo 1.6; 38.7) e uma indicação de que eles também trazem em si a imagem e a semelhança de Deus.

À guisa de refutação, é bom destacar que a imagem e semelhança de Deus, em nenhum momento, implica que Deus tenha um corpo físico igual ao do homem. Alguns grupos, como os mórmons, por exemplo, insistem em dizer que Deus é um ser igual ao homem, apenas mais evoluído. A semelhança não está ligada aos aspectos físicos do ser humano, como temos visto anteriormente, mas a aspectos interiores e espirituais.

Quando a Bíblia menciona as mãos, os pés, a boca ou os olhos de Deus (Is 59.1, por exemplo), trata-se apenas de uma linguagem antropomórfica, isto é, uma figura de linguagem que atribui à forma do homem a Deus, de maneira simbólica e não literal, que busca possibilitar um entendimento das ações divinas. Por exemplo, é incorreto dizer, baseado no Salmo 91.4, que Deus tem penas e asas, pois, do contrário, o compararíamos a uma ave.

Por diversas vezes as Escrituras Sagradas fazem questão de mostrar as diferenças consistentes que existem entre Deus e o homem, afirmando categoricamente que aquele não é como este (Nm 23.19; 1Sm 15.29; Sl 50.21; Os 11.9).

◘ A "imagem" do homem diante da queda

Como relacionar a crença do homem como imagem de Deus e as afirmações bíblicas da corrupção humana? Como honrar o homem devido a esta característica divina em sua natureza e ao mesmo tempo repreendê-lo por seu comportamento contra Deus?

Não seria correto dizer que o homem perdeu a imagem de Deus quando pecou. Mesmo após a queda, encontramos afirmações bíblicas de que o homem traz em si a imagem de Deus (Gn 9.6; Tg 3.9). O texto bíblico não diz que ele teve ou que algum dia terá, mas que ele a possui atualmente. Isto demonstra claramente que ele não perdeu definitivamente esta imagem e esta semelhança.

O que podemos concluir é que de fato esta imagem foi corrompida, foi embaçada, de modo que quando olhamos para o ser humano em todo o seu caminhar pela história, tanto nos admiramos diante da grandeza de seus feitos e da nobreza de suas atitudes, como nos envergonhamos de seus atos violentos e animalescos. Ele consegue abrigar em si tanto a grandeza quanto a corrupção.

Assim descreveu o apóstolo Paulo a degeneração da raça humana, que foi desde o conhecimento de Deus até os mais baixos padrões de comportamento: "Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens, que detêm a verdade em injustiça. Porquanto o que de Deus se pode conhecer neles se manifesta, porque Deus lho manifestou. Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder, como a sua divindade,

se entendem, e claramente se veem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis; porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos. E mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis. Por isso também Deus os entregou às concupiscências de seus corações, à imundícia, para desonrarem seus corpos entre si; pois mudaram a verdade de Deus em mentira, e honraram e serviram mais a criatura do que o criador, que é bendito eternamente. Amém. Por isso Deus os abandonou às paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza. E, semelhantemente, também os homens, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, homens com homens, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro. E, como eles não se importaram de ter conhecimento de Deus, assim Deus os entregou a um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convêm; estando cheios de toda a iniquidade, prostituição, malícia, avareza, maldade; cheios de inveja, homicídio, contenda, engano, malignidade; sendo murmuradores, detratores, aborrecedores de Deus, injuriadores, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais e às mães; néscios, infiéis nos contratos, sem afeição natural, irreconciliáveis, sem misericórdia; os quais, conhecendo a justiça de Deus (que são dignos de morte os que tais coisas praticam), não somente as fazem, mas também consentem aos que as fazem" (Rm 1.18-32).

Imaginemos, portanto, um espelho em que um homem observa a sua imagem. Se este espelho quebrar ou for manchado, ou ficar embaçado, a imagem ali refletida continuará sendo a daquele homem, mas não será reconhecida como tal. Isto foi o que aconteceu com o homem. A imagem de Deus continua nele refletida, mas não pode ser discernida porque foi manchada e embaçada pelo pecado. O evangelho é justamente esta restauração da imagem de Deus no homem "... pois que já vos despistes do velho homem com os seus feitos, e vos vestistes do novo, que se renova para o conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou" (Cl 3.9,10). Para que o homem volte a possuir a perfeita imagem e semelhança de Deus, é necessária uma restauração. Ela já acontece aqui gradativamente, à medida que o cristão serve a Deus (2Co 3.18). Mas chegará o dia em que, transformado em semelhança do Jesus ressuscitado, teremos a perfeita imagem de Deus (1Jo 3.2).

▼ Conclusão

Do estudo da antropologia bíblica podemos extrair diversas conclusões importantes. Como o aluno pôde perceber, trata-se de uma área do estudo teológico que não pode ser ignorada.

Em primeiro lugar, podemos fazer uma comparação com os animais. Não podemos fornecer-lhe os cuidados e a alimentação adequada, se não conhecermos sua natureza. Não podemos dar carne a um boi, pois ele é herbívoro, nem capim a um tigre, pois ele é carnívoro. Sua natureza determina suas necessidades.

Da mesma forma, é conhecendo a natureza do homem que podemos suprir suas necessidades. Um claro exemplo disso é o comunismo. Karl Marx concebia o homem em termos puramente materialistas. Para ele a única necessidade do homem era física e as necessidades espirituais, pura ilusão. Por este motivo, os governos socialistas e comunistas em todo o mundo olhavam apenas para as necessidades físicas e perseguiam de modo feroz qualquer indício de religião. Como resultado, a religião cresceu nestes países de forma subterrânea e oculta, enquanto todo o sistema pereceu. Seu grande fracasso foi não reconhecer o homem todo (1Ts 5.23).

Em segundo lugar, o reconhecimento da natureza do homem leva-o a buscar um relacionamento com Deus. Se o homem é produto de um acaso e resultado de um processo frio e impessoal, além de sua vida ser totalmente desprovida de motivação, ele não se sentirá constrangido a buscar algo além de seus sentidos. Mas se ele sabe que é uma criatura planejada e criada por Deus, trazendo assim a imagem e semelhança deste, seu procedimento será outro. Ele buscará algo além de si mesmo até encontrar. O conceito de Deus, algo existente em todas as culturas, é prova suficiente para confirmar o que dizem as Escrituras com referência à realidade não física da natureza humana.

E por último, o conhecimento da antropologia bíblica é suficiente para produzir um bom relacionamento social na humanidade. As teorias raciais do século 19 provocaram muito estrago, no sentido de criar uma mentalidade de superioridade em alguns povos. Crer numa origem comum, que nos liga a um passado comum faz com que observemos a cooperação como única maneira plausível de nos relacionarmos e vivermos neste mundo. O desejo de conquistar e dominar tem surgido quando um povo, por suas características raciais, se acha superior a outro. Em Adão nos reconhecemos todos iguais, seja pelas qualidades que herdamos dele como ser humano, seja pelas limitações que também herdamos dele por ocasião da queda.

O valor de uma vida humana será determinado pela nossa antropologia. Uns julgam o ser humano como não sendo nada mais que um animal mais hábil que os demais. Outros, o produto de uma experiência genética dos alienígenas. Outros olham o homem desprezando sua individualidade. Neste caso, o homem é olhado como mera parte impessoal de um todo.

Por outro lado, os que não conseguem perceber no ser humano uma porção de corrupção, ou uma deturpação inerente em seu caráter, tendem a ser excessivamente otimistas. Esta foi a concepção dos iluministas no século 18 em diante. Segundo a concepção iluminista, o homem, por sua natureza e capacidade, iria trazer o céu para a terra. Por isso dispensaram o céu superior. Era possível concertar todos os problemas do mundo porque o homem era capaz disto. Mas as duas guerras mundiais foram suficientes para acabar com estas falsas esperanças e mostrar a muitos a necessidade de uma redenção.

Apesar disso tudo, o homem insiste em não reconhecer sua limitação. Nós, todavia, continuaremos a ver no homem, a despeito de todas as suas grandezas, alguém marcado pela miséria. Entretanto, neste paradoxo manifesta-se alguém. O Deus que se tornou homem. Que sendo a "perfeita imagem do resplendor de Deus", assumiu a forma da miséria humana, para que a miséria humana pudesse novamente refletir em si mesma a perfeita imagem do resplendor de Deus. A encarnação, a morte e a ressurreição do Verbo (1Tm 3.16), de certa forma, revela-nos quem é o homem e o que ele precisa.

▼ Apêndice – A teologia da evolução

Pierre Teilhard de Chardin nasceu em Sarcenar, França, em 1º de maio de 1881. Filho de um aristocrata rural interessado pela geologia, dedicou-se desde a juventude ao estudo dessa matéria, que não interrompeu nem mesmo quando suas inquietações espirituais o levaram a ingressar na *Companhia de Jesus*, em 1899. Suas obras conheceram um sucesso editorial sem precedentes em seu gênero: Chardin iniciou sua atividade científica no início do século, quando o mundo da ciência era decididamente adverso ao mundo da fé e da religião.

Segundo Chardin é preciso esforço para fazer com que os cientistas vejam que não há nenhuma incompatibilidade entre a religião cristã moderna e a ciência moderna, mas sim uma maravilhosa correspondência, porque o cristianismo vem ao encontro das mais íntimas exigências da ciência. *Lé phenomène humain* foi a obra em que Chardin procurou realizar tal programa. A obra termina com a seguinte afirmação do valor superior do cristianismo: "De qualquer forma, a evolução infunde sangue novo às perspectivas e aspirações cristãs. Mas a fé cristã, por seu turno, não é destinada e não se presta a salvar até mesmo a mudar a evolução? [...] No presente momento, o cristianismo representa a única corrente de pensamento suficientemente audaz e progressiva para abraçar prática e eficazmente o mundo, em um abraço completo e indefinidamente perfectível, no qual a fé e a esperança se consumam na caridade. Somente ele – absolutamente só ele sobre a Terra moderna – se mostra capaz de sintetizar em um só ato vital o todo e a pessoa. Somente o cristianismo pode se inclinar, não apenas servir, mas também a amar o formidável movimento que nos arrasta. Isso não significa outra coisa senão que ele satisfaz a todas as condições que nós temos o direito de exigir de uma religião do futuro e que, portanto, é através dele que passa enfim, verdadeiramente, o eixo principal de evolução".

A intenção declarada de Chardin, em toda a sua obra, é elaborar uma visão cósmica que abarque em um só olhar tanto o mundo da ciência quanto o da fé. Examinemos este axioma. O axioma número um refere-se à evolução. Esta, segundo Chardin, não é uma hipótese, mas sim uma verdade certíssima: "Para muitos, a evolução não é outra coisa senão o transformismo; e o transformismo, por sua vez, não é outra coisa senão a velha hipótese darwinista, tão local e caduca quanto a concepção laplaciana do sistema solar. São verdadeiramente cegos aqueles que não se dão conta da amplitude de um movimento cuja órbita, ultrapassando infinitamente as ciências naturais, ganhou e invadiu sucessivamente a química, a física, a sociologia e até mesmo as matemáticas e história das religiões. Um após outro, todos os domínios do conhecimento humano se movimentam, arrastados por uma única corrente de fundo, em direção ao estudo de algum desenvolvimento.

A evolução – uma teoria, um sistema, uma hipótese? [...] Exatamente: mas, muito mais que tudo isso, uma condição geral à qual devem se dobrar e satisfazer, para ser pensáveis e verdadeiras, todas as teorias, todas as hipóteses, todos os sistemas. Uma luz que aclara todos os fatos, uma curva que todas as linhas devem seguir: eis o que é a evolução".

Segundo Chardin, a evolução é a maior descoberta do século passado e de todos os tempos, na medida em que nos coloca em condições de entender a história, seja a passada, seja a futura. Ao juízo de Chardin, a evolução não está absolutamente em conflito com o cristianismo; ao contrário, é um argumento muito forte a seu favor, porque a evolução deve passar através do cristianismo.

Os estudos científicos conduziram Teilhard de Chardin a uma profunda meditação sobre o problema da evolução, origem de sua obra mais importante, *Lé Phénomène Humain* ("O fenômeno humano"), concluída em 1940, mas só publicada postumamente, em 1955. Em seu pensamento, a evolução evidente do universo material, que parece esmagar o homem e sua consciência, visa, na realidade, realizar a passagem da matéria ao espírito, do menos consciente ao mais consciente. O homem é o centro e a razão dessa evolução: sua alma o liga a esse universo (que ela domina), a seus semelhantes e a seu fim último, que é Deus. Ciência e religião, longe de se contradizerem, conduzem ambas à perfeição intelectual. As implicações morais e religiosas desse sistema foram desenvolvidas numa série de obras como *Le Milieu divin* (1958 – O meio divino) e *L'Avenir de L'homme* (1959 – O futuro do homem). Teilhard de Chardin regressou à França em 1946, mas ante a impossibilidade de publicar seus textos – que circularam em exemplares mimeografados e só foram editados após sua morte – transferiu-se para os Estados Unidos. Ingressou então na Fundação Wenner-Gren, de Nova York, que patrocinou, nos últimos anos de sua vida, duas expedições científicas ao continente africano. Teilhard de Chardin morreu em Nova York, em 10 de abril de 1955.

▼ Referências bibliográficas

- ✓BANCROFT, E.H. *Teologia elementar*. São Paulo: Imprensa Batista Regular, s/d.
- ✓BRANCO, Samuel Murgel. *Evolução das espécies*. São Paulo: Moderna, s/d.
- ✓CARR, E.H. *Que é história?* São Paulo: Editora Paz e Terra, s/d.
- ✓DURANT, Will. *História da filosofia*. In: Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- ✓DURANT, Will. *História da civilização*. São Paulo: Record, s/d.
- ✓GRIMBERG, Carl. *História universal*. São Paulo: Editora Azul, s/d.
- ✓HAGGLUND, Bengt. *História da teologia*. Porto Alegre: Concórdia, 1981.
- ✓HEYDECKER, Joe & LEEN, Johannes. *O julgamento de Nuremberg*. São Paulo: Íbis, 1962.
- ✓MILNE, Bruce. *Know the Truth*. IVP – *Diálogos de Platão – Fédon*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- ✓NIETZSCHE, Friederich. *O anticristo*. Rio de Janeiro: Clássicos econômicos Newton, 1992.
- ✓Revista Superinteressante. *Vida fora da Terra*. São Paulo: Editora Abril, Edição Especial, Maio/1997.
- ✓Revista Superinteressante. *Da flecha à bola*. São Paulo: Editora Abril, Agosto/1988, nº 8, ano 2.
- ✓Revista Veja. *Por que eles perdem a cabeça?* São Paulo: Editora Abril, Edição Especial, nº1681, ano 33, nº 52, 27/12/2000.
- ✓*Jornal Chamada da Meia-Noite*. Porto Alegre: Chamada da Meia Noite, Agosto/1994, nº8, ano 25, p. 4,5.



SABER E FÉ

CENTRO DE ENSINO TEOLÓGICO

www.saberefe.com
Acesse agora!